

A ÁFRICA É CHAMADA A ELEVAR A SUA UNIDADE
PARA EXPULSAR DEFINITIVAMENTE O IMPERIALISMO.

- Presidente Samora Machel na sessão inaugural do Comité Coordenador para a libertação de África.

"A concepção da unidade africana existente até uma época recente permitiu-nos desenvolver o combate contra as formas clássicas do colonialismo. As vitórias alcançadas pelos povos africanos forçaram o inimigo a modificar a sua estratégia e tática. Um novo desafio aparece assim: a África é chamada a elevar a sua Unidade para a presente batalha, a batalha que decorre para expulsar definitivamente o imperialismo da África, a batalha para libertar a África das bases estrangeiras, da dominação económica, da subserviência cultural, a batalha para impor uma nova ordem internacional. Esta batalha exige uma maior mobilização das massas, mais do que uma unidade inter-governamental ela requer uma larga frente popular anti-imperialista" - declarou o Presidente Samora Machel na cerimónia inaugural da 26ª sessão do Comité Coordenador para a Libertação da África. É o seguinte, na íntegra, o texto do discurso do Presidente Samora Machel:

<p>Sua Excelência Ahmed Laraki Presidente em exercício da XXV Sessão do Comité de Coordenação para a Liberta- ção da África</p>	<p>Tenente-coronel Hashim Mbita Secretário Executivo do Co- mité de Coordenação para a Libertação da África</p>	<p>que o Comité de Libertação através dos seus representa- ntes se encontra no nosso solo, no cumprimento da alta tarefa que lhe incumbe para a liber- tação do nosso Continente.</p>	<p>novo a vossa visita, agora à zona libertada de Cabo Delga- do, teve lugar num momento decisivo do nosso combate: o momento em que desencadeá- vamos uma ofensiva política, ideológica e militar para re- chegar a infiltração e subver- são inimiga no nosso seio, ofen- siva que culminou com a neu- tralização dos agentes físicos e morais da reacção e a inten- sificação da vigilância revolu- cionária.</p>
<p>Camaradas Dirigentes dos Mo- vimentos de Libertação</p>	<p>Excelências Camaradas Amigos Minhas Senhoras Meus Senhores,</p>	<p>O Comité de Libertação em cada uma das suas visitas pô- de vir observar e testemunhar momentos maiores da nossa luta e os avanços do combate libertador, o que lhe permitiu conhecer a situação concreta e conduziu à intensificação da ajuda moral e material.</p>	<p>Em Setembro de 1974 de novo o Comité de Libertação esteve connosco na tomada de posse do Governo de Transi- ção. Em 25 de Junho de 1975 aqui vieram viver connosco os momentos exaltantes da ma- terialização da vitória popular.</p>
<p>Suas Excelências Ministros dos Negócios Es- trangeiros Embaixadores Delegados e Observadores</p>	<p>É com grande satisfação que a FRELIMO, a República Popu- lar de Moçambique e o povo moçambicano na sua Pátria li- bertada recebem o Comité de Coordenação para a Libertação da África, o banco de sangue da solidariedade africana.</p>	<p>Em Maio de 1968 o Comité de Libertação visitou as zonas libertadas de Niassa no mo- mento em que preparávamos o II Congresso da FRELIMO que marcou o início de uma nova e decisiva fase da nossa luta armada de libertação nacional.</p>	<p>Desta vez somos honrados pela presença do Comité de</p>
<p>Sua Excelência William Eteki Mboumoua Secretário-Geral Administra- tivo da Organização da Unidade Africana</p>	<p>Recebemos amigos de sem- pre, amigos que nas horas de combate marcharam connosco.</p>	<p>Em Outubro de 1972, de</p>	
<p>Sua Excelência</p>	<p>Esta não é a primeira vez</p>		

Libertação que aqui vem realizar a sua 26.ª Sessão Ordinária. Sejam pois bem-vindos uma vez mais a Moçambique. Fazemos votos para que esta vossa presença aqui, junto do rio Maputo, nos limites da África libertada, marque o início de uma nova ofensiva libertadora.

A reunião do Comité de Libertação na capital da República Popular de Moçambique testemunha a extensão das fronteiras da liberdade e da dignidade africanas, ela exprime a determinação dos povos africanos de liquidar completamente a dominação estrangeira, ela traduz a nova correlação de forças entre nós e o inimigo.

A vossa presença marca o triunfo dos sacrifícios consentidos pela África e pela Humanidade progressista, sacrifícios que permitiram derrubar o colonialismo português.

Ao recebermos aqui o Comité de Libertação queremos reafirmar que a República Popular de Moçambique fruto da luta heroica e vitoriosa do povo moçambicano contra o colonialismo português e o imperialismo entende continuar a assumir plenamente o dever que lhe cabe no combate unido da África e do Mundo contra a dominação e a exploração estrangeira no nosso Continente.

O colonialismo português derrotado militarmente pelos nossos povos deixou de existir em África.

Neste momento, desejamos prestar uma homenagem comovida e respeitosa à memória de todos aqueles que caíram na luta contra o colonialismo, transportando o facho da liberdade e da independência africana. Convidamos todos os presentes a observar um minuto de silêncio.

A causa dos povos das antigas colónias portuguesas triunfou por ser justa e apoiada pela solidariedade da África e das forças progressistas do Mundo. Os inimigos dos povos, o colonialismo e imperialismo são forçados a constatar com desespero a nossa vitória comum.

A vitória da Guiné-Bissau, de Moçambique, de São Tomé e Príncipe, de Cabo Verde, de Angola, de Timor-Leste, marca o início duma nova fase da libertação dos povos.

Esta reunião do Comité de Libertação num país que conquistou a vitória pela luta armada de libertação é a afirmação viva da capacidade do nosso Continente de se libertar completamente.

Em África o colonialismo está sendo forçado a abandonar as suas posições. A resistência popular triunfou nas Comores e o Arquipélago proclamou a sua independência. Apesar das manobras imperialistas nas Seychelles e na Costa dita francesa dos Somalis (Djibouti) o processo da independência nacional encontra-se na sua fase final. O combate do povo do Sara forçou a potência colo-

nia a reconhecer a impossibilidade de dominação colonial e clássica; este combate garante-nos que um dia o povo fará triunfar as suas aspirações.

Encontramo-nos na fase da liquidação final do capítulo doloroso, humilhante e atroz do colonialismo clássico.

Dizer isto no entanto não significa afirmarmos que a obra de libertação nacional está terminada.

A Libertação Nacional é um processo que se inicia com a resistência nacional à ocupação estrangeira e que só cessa quando todas as formas de dominação imperialista forem definitivamente liquidadas.

Libertação Nacional é o combate pela conquista da plena independência política. Libertação Nacional é o combate cultural para afirmar a nossa personalidade africana. Libertação Nacional é a luta contra a presença militar das bases imperialistas de agressão no nosso Continente. Libertação Nacional é a luta dos nossos países para recuperar o direito de explorar em benefício próprio os seus recursos naturais. Libertação Nacional é a luta contra a ordem económica imperialista nas relações internacionais. Libertação Nacional é o combate de todos os povos do nosso Continente para livremente escolherem a ordem política e económica que melhor os serve. Libertação Nacional é a afirmação do direito de cada novo escolher os seus

amigos.

Só assumindo plenamente e de forma consciente a Libertação Nacional é que seremos capazes de definir correctamente o inimigo, estudar a sua estratégia e tática e assumir a dimensão real da batalha presente.

Tal compreensão é fundamental para determinar a natureza verdadeira das formas de dominação que continuam a subsistir no nosso Continente.

Com a queda do colonialismo português e a previsão do desaparecimento muito próximo das restantes formas de dominações de tipo colonial, os regimes racistas aparecem como as últimas sobrevivências das formas clássicas de dominação. Todavia por detrás deles, ergue-se o imperialismo, inimigo permanente e principal de todos os povos.

Poranto o desenvolvimento da luta do Continente e a queda sucessiva dos regimes coloniais, o imperialismo vê-se obrigado a identificar-se cada vez mais abertamente com os regimes de Salisbúria e Pretório; ao mesmo tempo procura reforçar a sua presença militar no Continente com vista a conseguir, pela ocupação ou pela intimidação, a submissão política e económica dos países já independentes. Deste modo, o imperialismo é forçado a desmascarar-se revelando aos olhos dos povos a sua verdadeira natureza de inimigo directo.

Podemos afirmar que a épo-

ca presente é a época em que as lutas populares conduzem à confrontação com o imperialismo, a época em que enquanto aumenta a sua agressividade, o imperialismo perde uma por uma as suas posições em África.

Tendo perdido os intermediários coloniais, sabendo que se encontram contados os dias dos regimes racistas, o imperialismo procura por todos os meios neutralizar e derrubar os regimes populares, os regimes anti-imperialistas da África, que o ameaçam. Para isso o imperialismo intensifica as acções de subversão, a corrupção, a chantagem, as pressões e ameaças. Através da sabotagem económica o imperialismo procura suscitar graves crises económicas que conduzem à destabilização dos regimes populares. Porém quando sente que vai perder as suas posições de dominação e exploração, o imperialismo não hesita em recorrer à força brutal, à agressão aberta.

O imperialismo ataca os povos, divide os países, instala regimes fantoches, impõe as suas bases militares que servem como plataforma permanente de agressão contra as lutas populares.

Assim em 1947 desencadeia a guerra de agressão contra os povos árabes e impõe na zona o Estado agressivo de Israel. Em 1949 ocupa a província de Taiwan para atacar a República Popular da China. Em 1953 impõe depois duma agressão brutal, o regime fantoche de Seoul contra as con-

quistas populares da parte Norte da Coreia. Em 1954 é imposta a divisão do Vietname, é instalada na parte sul a máquina de agressão imperialista.

Em seguida e sucedendo-se até aos nossos dias testemunhámos a divisão de Chipre, a criminoso invasão do Laos, a violação da soberania do Camboja, as tentativas de partilha do Líbano.

Também em África as agressões abertas são bem conhecidas. Nos anos sessenta o Zaire e nã o Congo-Leopoldville foi agredido pelo imperialismo que quis bloquear o processo de implantação do regime popular e dividir o país. Mais tarde, o imperialismo procurou pelas armas desmembrar a Nigéria, fomentando a secessão da Região Oriental. Em 1972 a República da Guiné foi objecto de uma invasão que visava substituir o regime progressista do Partido Democrático da Guiné por um regime subserviente à dominação estrangeira. Recentemente pela força, a ilha de Mayotte é ocupada pela França. Durante todo o período de guerra colonial imperialista de agressão contra o nosso povo foi sistemática a utilização de tropas sul-africanas e rodesianas, assim como de chamados conselheiros estrangeiros. Durante todo este período foram constantes as agressões contra os países limítrofes que assumiram os riscos da solidariedade, ou seja, a Tanzânia, a Zâmbia, o Congo, o Zaire, a Guiné, o Senegal.

Hoje mesmo, contra as nos-

sas fronteiras, têm lugar repetidas provocações do regime minoritário e agressor de Ian Smith.

Camaradas e Amigos
Excelências
Minhas Senhoras e
Meus Senhores

A tentativa de desmembramento do Arquipélago das Comores, a ocupação de partes do território egípcio pelas forças sionistas, a invasão sul-africana em Angola, são na realidade manifestações duma mesma agressividade imperialista dirigida contra as conquistas dos povos, destinada a intimidar as massas, bloqueá-las no processo da sua libertação, impedí-las como é o caso do Egito e Angola, de cumprir o seu dever de solidariedade com as lutas vizinhas de libertação.

Na África Austral, utilizando as forças fiéis de Pretória, o imperialismo, que continua a dominar a Namíbia deseja através da ocupação de Angola, dispor do bases do partido para estender a sua dominação e exploração na África independente.

Por isso nós consideramos que, hoje mais do que nunca, há uma relação íntima e fundamental, uma interdependência permanente no processo de Libertação Nacional nos países independentes e nos países ainda dominados. Os países independentes e os Movimentos de Libertação Nacional são aliados permanentes e iguais.

Sejamos claros: ou a África

estende as fronteiras da liberdade ou então as forças do imperialismo alargarão a zona de subserviência. Trata-se pois não só de apoiar resolutamente a luta de libertação, como também de intensificar o combate nos nossos próprios Estados pela liquidação das dependências do imperialismo.

Este é o combate crucial da África. Devemos porém reconhecer que neste combate muito embora os nossos povos estejam unidos, frequentemente os nossos Estados exprimem linhas divergentes.

Todos nós constatámos há poucos dias em Adis-Abeba que na fase actual alguns Estados não se encontram em condições de condenar claramente e sem ambiguidades e agressão de Pretória contra Angola, contra a África. Todos verificamos igualmente que esses mesmos Estados não foram capazes de claramente e sem contrapartida ou ambiguidade, condenar os que sendo angolanos colaboram na invasão sul-africana.

A dignidade e o respeito por nós mesmos exigem que assim como ontem condenamos Van Thieu no Vietname, Lon Nol no Camboja, Tohang Kai Chek na China, Tshombé na África, exigem que condenemos os que agora conduzem as tropas da África do Sul, inimigo número um da África, a atacar a sua própria Pátria e massacrar o seu povo.

A afirmação de duas linhas em Adis-Abeba é positiva para um melhor conhecimento entre os nossos Estados, é positiva para o desenvolvimento da luta

popular em África.

A agudização das contradições entre os povos e o imperialismo, a intensificação da batalha entre os interesses populares e os interesses do inimigo, leva necessariamente a diferentes definições do inimigo e a uma consequente reapreciação das alianças.

Podemos afirmar que qualquer regime determina a sua oposição: um regime popular é oposto pelas forças reaccionárias no plano nacional e pelo imperialismo ao nível internacional; paralelamente um regime explorador e opressor encontrará contra si as massas populares nacionais e o conjunto das forças progressistas mundiais.

A procura de compromissos com o inimigo, o esforço de convencer o inimigo da nossa boa vontade, o princípio de não intensificar a luta para que o inimigo possa negociar, constituem na realidade manifestações da aliança entre as classes reaccionárias nacionais e o imperialismo e conduzem à capitulação.

A África combate contra bases estrangeiras. A África resolutamente opõe-se à continuação de bases imperialistas de agressão no Oceano Índico. A África correctamente compreende que as bases militares estrangeiras, a nuclearização das suas costas, constituem uma ameaça contra o seu processo de libertação, contra o seu direito de edificar o regime político, económico e social que melhor corresponder aos interesses dos seus povos.

A liquidação definitiva dos regimes racistas e dos restos do colonialismo depende de uma prática anti-imperialista consequente do nosso Continente.

Excelências,
Camaradas e Amigos,
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Para apoiarmos mais eficazmente os movimentos de libertação, para que se reforce a mobilização das massas nos países dominados, para que mais rapidamente se desenvolva o combate libertador, é imprescindível que o Comité de Libertação intensifique a acção em favor da unidade real das forças combatentes.

Isto conduz a abordar com coragem militante e analisar sem ambiguidade o problema da proliferação de organizações que se reclamam da qualidade de movimentos de libertação.

A experiência mostrou-nos que sempre que o Comité da Libertação soube proceder a escolhas correctas, sempre que o Comité soube separar-se dos pseudo Movimentos, das Organizações marginais e oportunistas, a luta de libertação desenvolveu-se harmoniosamente, as massas reforçaram a sua unidade contra as manobras divisionistas e África e os seus aliados naturais os países socialistas, puderam canalizar a sua ajuda e intensificar a sua contribuição à causa da Libertação Nacional.

Esta é a experiência do Co-

mité de Libertação em relação à Guiné-Bissau, Cabo Verde,

Comores, Namíbia, Seychelles.

Em contrapartida, quando o Comité de Libertação, foi incapaz de proceder a uma escolha clara e correcta, fornecemos aos inimigos da África a possibilidade de utilizar os movimentos pouco representativos e mais débeis ideologicamente, para minar o processo de libertação. Esta é a realidade que originou a trágica situação de Angola. Devemos estar conscientes das nossas responsabilidades.

A proliferação dos Movimentos de Libertação só facilita uma maior acção divisionista do inimigo.

Na proliferação o imperialismo encontrará os que por ambição, fraquezas ou corrupção estão prontos a aliar-se a ele e a opor-se aos Interesses populares.

Mais do que um esforço de conciliação entre movimentos, impõe-se um esforço prévio de análise sobre a natureza, o origem e o significado de diversos Movimentos de Libertação.

Em função disso poderemos então determinar a linha justa a seguir: reconhecermos só uma organização com exclusão de todas as outras, ou se tal, se justificar fazer um esforço de conciliação.

Impõe-se actualmente a intensificação do combate comum para a libertação da África Austral.

A Rodésia é uma colónia britânica onde uma minoria racista usurpou o poder e o exer-

ce pela força das baionetas com o apoio activo do imperialismo.

O regime racista, após a derrota colonial portuguesa, experimenta um isolamento sem precedentes na sua História.

Impetuosamente as massas populares multiplicam os combates políticos em favor da independência nacional.

O regime responde às exigências do povo com um aumento brutal de repressão e a multiplicação de manobras, enquanto intensifica provocações e agressões contra a República Popular de Moçambique e outros Estados limítrofes, no intuito de alargar a zona de conflito, internacionalizá-lo e desviar a atenção dos antagonismos internos.

O povo moçambicano porém, não se deixa intimidar pelas provocações. Em qualquer circunstância nós cumprimos o nosso dever internacionalista para com a luta do povo de Zimbabwe.

A ocupação colonial da Namíbia prossegue com a dominação sul-africana, com a guerra de agressão sul-africana contra o povo de Namíbia dirigido pela SWAPO.

O regime de Pretória num esforço desesperado de impedir a inevitável vitória do povo, estendeu a sua agressão criminosa à República Popular de Angola.

As tropas sul-africanas sofrem hoje reveses humilhantes, os soldados do racismo arrogante estão a ser derrotados vergonhosamente.

O ataque contra Angola engajou no combate contra Pretória as massas populares angolanas, e mobiliza hoje os povos africanos e do mundo indignados perante a agressão brutal do regime sul-africano.

Qual é a estratégia do inimigo?

O regime de Pretória apoia-se pelo imperialismo, empreende uma campanha para dividir a África. Pretória é um cancro que procura difundir as suas raízes na África independente.

A dignidade dos povos africanos rejeita a política de Pretória, rejeita qualquer compromisso. Os compromissos com o inimigo ameaçam gravemente a nossa independência, mancham a nossa dignidade, travam a emancipação do nosso Continente.

A República Popular de Moçambique defende o princípio de que a África do Sul deve ser excluído da comunidade das Nações de África e do mundo em virtude da sua política anti-humana e da sua agressividade.

A República Popular de Moçambique é solidária com o combate do povo sul-africano de todas as raças para instaurar uma ordem social realmente democrática.

A República Popular de Moçambique aprecia altamente o longo e histórico combate do Congresso Nacional Africano para unir, organizar e mobilizar o povo sul-africano de todas as raças no combate pela edificação duma sociedade de dignidade, uma sociedade humana, uma sociedade nova.

Excelências

Camaradas e Amigos,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

A concepção da unidade africana existente até uma época recente permitiu-nos desenvolver o combate contra as formas clássicas do colonialismo.

As vitórias alcançadas pelos povos africanos forçaram o inimigo a modificar a sua estratégia e tática.

Um novo desafio aparece assim: a África é chamada a elevar a sua Unidade para a presente batalha, a batalha que decorre para expulsar definitivamente o imperialismo da África, a batalha para libertar a África das bases estrangeiras, da dominação económica, da subserviência cultural, a batalha para impor uma nova ordem internacional.

Esta batalha exige uma maior mobilização das massas, mais do que uma unidade inter-governamental ela requer uma larga frente popular anti-imperialista.

Esta é a época em que se inicia a liquidação final do imperialismo no nosso Continente.

Nesta frente, neste combate, obrigatoriamente se incorporam os nossos aliados naturais, os países socialistas que constituem a Zona Libertada da Humanidade, as forças democráticas mundiais que são destacamentos operacionais do nosso combate.

Sairemos vitoriosos da nova confrontação. Os povos da África querem construir a sua unidade, uma unidade fundada na in-

dependência, na liberdade e numa ordem social que os sirva.

Formulamos votos de sucessos para os vossos trabalhos e de uma boa estada na República Popular de Moçambique.

Viva a Luta de Libertação Nacional!

Viva a OUA!

Viva a África Unida!

A Luta Continua!

(De: "Notícias", Maputo, 1976-01-20)